



## TEXTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO<sup>1</sup>

Joseane Silva Pinto\*

### RESUMO

A leitura como instrumento de conscientização tem grande papel social no que tange a valorização do ser pensante em toda a sua esfera de participação social e política. Esta consciência crítica desperta o ser pensante para seu papel de verdadeiro cidadão, não apenas aquele de direitos e deveres, mas um ser participante e opinante. Para Paulo Freire, vivenciar a leitura é como se estivéssemos a ler e reler o próprio mundo. O presente artigo tem como objetivo averiguar os aspectos que promovem a formação crítica do aluno por meio do texto literário, portanto, nos ateremos a leitura literária, a relação entre escola e literatura e o espaço que esta ocupa dentro da sala de aula. Traremos alguns conceitos do que é Literatura na visão de grandes teóricos como: Antonio Candido, Afrânio Coutinho e Regina Zilberman.

**Palavras-chave:** Literatura. Escola. Educação. Leitor. Antonio Candido.

### 1 INTRODUÇÃO

É através da leitura e, em particular, da leitura de textos literários que nos é dada a possibilidade de, por meio do mundo transfigurado em arte, que é a obra literária, compreender melhor o mundo em que vivemos, o outro e a nós mesmos. A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito.

Nesse sentido, leitor é aquele que diante da plurissignificação de um texto, adentra na tarefa do deciframento dos sentidos organizados, por meio de um delimitado corpo esquemático oferecido pela obra.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010, sob a orientação da professora Dra. Luzia A. Oliva dos Santos.

\*Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

O leitor é também aquele que reconhece os sentidos do texto operado e que sabe prover o prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. Entretanto, percebe-se que esse tipo de leitor tão solicitado ainda aparece em pequena escala nas estatísticas, e mais escassa ainda em nossas salas de aula.

## **2 LEITURA LITERÁRIA E A ESCOLA**

No processo de escolarização, constata-se a existência de uma tensão significativa entre discurso pedagógico e discurso literário. Ou seja, é difícil conciliar a orientação do discurso pedagógico centrado em normas, diretrizes e avaliações. Para os PCN's (2008), a prática escolar em relação à leitura literária tem sido a de desconsiderar a leitura propriamente e privilegiar atividades de metaleitura, ou seja, a de estudo do texto (ainda que sua leitura não tenha ocorrido), aspectos da história literária, características de estilo, etc., deixando em segundo plano a leitura do texto literário, substituindo-o por simulacro, como já foi dito, ou simplesmente ignorando-o. Segundo os PCN's (2008, p. 63) “atividades de metaleitura são necessárias na escola, mas devem ser vistas com muito cuidado, ou melhor, devem responder aos objetivos previstos no trabalho escolar”. A ausência de referências sobre o campo da literatura e a pouca experiência de leitura, não só de textos literários como de textos que falem sobre a literatura, fazem com que os leitores se deixem orientar, sobretudo, por seus desejos imediatos, que surgem com a velocidade de um olhar sobre um título sugestivo, ou sobre uma capa atraente.

Soares (2001) discute o problema da escolarização da leitura literária, apresentando duas possibilidades de abordagem: a primeira consiste na apropriação da literatura infantil pela escola, na medida em que a utiliza para atingir seus objetivos, escolarizando-a; a segunda relaciona-se à literatura infantil como produção destinada à escola, numa tentativa de dar à escolarização um cunho literário. Como a leitura do texto literário, não só infantil, constitui-se num processo desenvolvido na escola, não há como evitar que esse conhecimento se escolarize. A discussão pertinente é a modalidade como as ações referentes a esse ensino possam se processar de maneira adequada e eficiente.

### **2.1 O LEITOR LITERÁRIO**

O leitor literário vem sendo analisado e conceituado não só por meio das chamadas teorias da recepção, como também por outras linhas críticas da atualidade, para as quais não apenas autor e texto, mas este terceiro elemento, formam juntos o campo de estudo da crítica, da teoria e da história da literatura. Para os PCN's (2008, p.65), "O leitor e a leitura tornam-se, hoje, objetos de reflexão teórica, até mesmo no interior do texto literário [...]".

A leitura literária quando proposta nos limites das salas de aula deve prever diferentes momentos que se fazem necessários quando se busca o amadurecimento dos leitores-alunos. Há que se reservar um primeiro momento para o contato solitário entre leitor e texto e, só depois, momentos de desvendamento da natureza do discurso literário.

A leitura literária escolarizada fará sentido apenas quando for permitido ao aluno o contato com o texto, princípio de toda atividade de leitura, para, a partir de sua inserção na obra, promover a ampliação de sua competência leitora. Para o ensino da literatura, é necessário pensar a obra e o leitor, praticar a leitura da literatura é compreender que o texto literário forma no leitor tanto uma competência técnica, quanto lhe dá uma educação cultural, além de possibilitar uma experiência moral que permite ressignificar a vida e o mundo.

A Literatura apresenta-se como um paradoxo: por um lado, o leitor sabe, de antemão, não se tratar do mundo real; estabelece com o texto um pacto de confiança que deverá ser validado a cada página, mas quanto maior o caminho percorrido e referendado, maior a experiência de realidade que faz o leitor. O mover-se junto com a história, faz com que o leitor a viva e reelabore as situações que a trama propõe.

O texto literário ao propor seu tema, exige do leitor que se volte e se dedique a ele. É o encontro do real com o verossímil. Eco (2003) assegura que a capacidade do homem de ler o real e não, exclusivamente, aquilo que projeta sobre o texto, pode ser verificada através do modo como interpreta o que lê. Ou seja, o texto, ainda que através de um conjunto de interpretações possíveis, impõe-se sobre o leitor, oferecendo-lhe uma lição.

A leitura vivenciada é imprescindível para o texto literário, tanto em nível emocional quanto estético. O fato de a linguagem literária, estar centrada em si mesma, sem fins práticos, confere a literatura o estatuto de arte que, para ser concretizada, necessita que o leitor aceite ou rejeite a realidade ficcional nela representada.

O desvendamento estético do texto literário exige a compreensão dos significados que o autor laboriosamente construiu em seu texto. Para Jauss (1994), a distância entre o horizonte de expectativas do leitor e a realização dessas expectativas no momento da leitura devem desestabilizar o leitor, causando-lhe estranhamento.

É desse estranhamento que advêm os questionamentos dos valores sociais, culturais ou políticos que levam a um rompimento do horizonte de expectativas do sujeito-leitor. Para o autor, essa distância entre os horizontes de expectativas de autor/leitor caracterizaria o valor estético de uma obra literária.

O contato com o texto literário coloca o leitor em condições de após fruir o texto, participar de um processo gradativo de deslocamento da subjetividade da leitura individual em direção à compreensão crítica e à consciência da significação estético-ideológica da obra literária. Acredita-se que o principal objetivo das aulas de literatura seja o de formar leitores cada vez mais competentes e autônomos, capazes de reconhecer as especificidades dos textos literários, ainda que não venham a ser consumidores ávidos desta arte.

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leituras e nos colocam diante das ambiguidades e das linguagens da vida. (ECO, apud PCN's, 2008 p.67).

Se um texto é marcado pela sua incompletude e se se completa somente no ato da leitura; se o leitor é aquele que vai fazer funcionar o texto, na medida em que o opera através da leitura, o ato de ler, situado no pólo da recepção, não pode se caracterizar como uma atividade passiva, ao contrário, o leitor é um elemento ativo neste processo.

O texto na sua superfície linguística não diz tudo objetivamente. Em graus diferentes de complexidade, um texto é sempre lacunar, reticente, apresenta 'vazios', implícitos, pressupostos, que, enquanto espaço disponível para o outro, devem ser preenchidos pelo leitor. O leitor, situa-se, portanto, num espaço ambíguo entre a disseminação de sentidos possíveis e as restrições inscritas nos artifícios que organizam o texto. Oscilando entre esses dois pólos, em níveis diferentes, um texto ao mesmo tempo que deixa ao leitor a iniciativa interpretativa, paradoxalmente, utiliza-se de estratégias que permitem interpretações com uma margem suficiente de univocidade.

### **3 O QUE É A LITERATURA**

Desde os primeiros tempos em que o homem começou a estudar a arte por ele mesmo produzida, a questão acerca da concepção e função da literatura tem sido assunto de muitas

controvérsias. Durante o processo de evolução cultural do homem, muito se tem discutido a respeito do assunto aqui abordado.

Há teóricos que não consideram a definição de ‘o que é literatura’ uma questão primordial para o estudo literário, por entenderem que hoje não há necessidade de separar os textos considerados literários dos não literários. Além do que, nos textos classificados como não-literários pode se verificar a presença de literariedade, o que torna a distinção metodológica bastante complexa. Sabe-se, pois, que, em cada época literária, são atribuídas à literatura natureza e funções distintas, condizentes com a realidade cultural e, portanto, social, da época. Assim é que o crítico e sociólogo Antonio Candido (1972, p.53) constrói o seu conceito de literatura:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

Na citação acima, Candido (1972) fala da indispensável presença de um elemento de manipulação técnica, o qual é fator determinante para a classificação de uma obra como literária ou não. Lajolo (1981, p.38), também afirma que a linguagem tem um papel determinante na classificação de uma obra como literária:

é a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana.

Coutinho (1978, p.09-10) contribui com o conceito:

a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferente dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social.

Estando a literatura ligada à demonstração do real, assume algumas funções que atuam diretamente no homem, pois que exprime o homem e, depois, volta-se para sua formação,

enquanto fruidor dessa arte. Candido (1972) identifica três funções exercidas pela literatura, as quais, em seu conjunto, denomina de função humanizadora da literatura.

A primeira das funções por ele identificadas é chamada de função psicológica, em virtude de sua ligação estrita com a capacidade e necessidade que tem o homem (no conceito mais amplo do termo) de fantasiar. Essa necessidade é expressa através dos devaneios em que todos se envolvem diariamente, através das novelas, da música e do fantasiar sobre o amor, sobre o futuro.

Conforme Candido (1972), dessas modalidades de fantasia, a literatura seja, talvez, a mais rica. As fantasias expressas pela literatura, no entanto, têm sempre sua base na realidade, nunca são puras. É através dessa ligação com o real, que a literatura passa a exercer sua segunda função: ‘a função formadora’.

Portanto, para Candido (1972, p.805), a literatura vista sob um ângulo menos estrutural, e mais funcional, exerce uma função humanizadora de forma gratuita, uma vez que ela não só satisfaz a necessidade de ficção, que é essencial ao homem; como também contribui para a formação da sua personalidade, na medida em que traz a vida desmistificada, com seus aspectos positivos e negativos, retratada de modo tal, que leva o leitor ao conhecimento de si e do mundo, de modo inconsciente, por meio da fruição, e, nesse âmbito, ela humaniza:

[...]a literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] . Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem freqüentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] . É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

A terceira e última função, levantada, diz respeito à identificação do leitor e de seu universo vivencial representados na obra literária. Esta função é por Candido (1972) denominada de função social. Essa função é que possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade que o cerca quando transposta para o mundo ficcional. Esse reconhecimento, no entanto, pode causar uma falsa impressão, construindo um reconhecimento errôneo, quando expressa uma realidade a qual o leitor não participa diretamente, causando-lhe uma alienação.

O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mais medidas pelos mesmos padrões das verdades ocorridas. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um

sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido de vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

#### **4 CONCLUSÃO**

O texto literário, conforme Zilberman (1995), pode desencadear com eficiência um novo pacto entre o jovem e o texto, estimulando uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades de cobrança. Perceber as relações que se estabelecem acima da simples dualidade coisa/significado que a multissignificação do literário permite não deve ser privilégio de alguns iniciados, mas possibilidade aberta a todos. Pensando na função da literatura, é possível afirmar que os textos literários, promovem no sujeito uma transformação, que o faz crítico em relação às ‘coisas do mundo’.

A escola pode e deve ensinar a ler e a escrever. Ler e escrever, sob esta ótica, supõem um processo dinâmico em que a literatura entra como principal suporte. Considerando a importância representada pela leitura literária para vida pessoal, é imprescindível o estabelecimento de políticas que privilegiem a leitura em todos os níveis da sociedade. A escola como instância mediadora entre o leitor e o livro, precisa organizar projetos específicos, visando o engajamento de toda a comunidade escolar, para que assim possa atingir um nível de letramento que possibilite ao sujeito o estabelecimento de relações adequadas ao mundo atual. Ao professor, cabe ampliar os horizontes textuais para que o leitor literário possa ser formado, o que pode ocorrer ou não, dependendo do engajamento e da bagagem teórica desse professor com relação à leitura.

#### **TEXT LITERARY AND CRITICISM FORMATION OF STUDENT**

#### **ABSTRACT<sup>2</sup>**

Reading as a tool for awareness has social big role when it comes to appreciation of the thinking being in all its sphere of social and political participation. This critical consciousness awakens the thinking being to their role true as citizens, not just the rights and

---

<sup>2</sup> Transcrição realizada pelo aluna Joseane Silva Pinto, do Curso de Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

duties, but a participant being and with opinions. For Freire (1995), to live the reading is as if we were to read and reread the world itself. This article aims to investigate the aspects that promote the criticism formation of student through the literary text, therefore, we will stick to literary reading, the relationship between school and literature and the space that this occupies inside the classroom. We will bring some concepts than is Literature in the vision of great theorists such as Antonio Candido, Afranio Coutinho and Regina Zilberman.

**Keywords:** Literature. School. Education. Reader. Antonio Candido.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura: ensaios**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCNs. **Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Editora Ática S.A 1989.